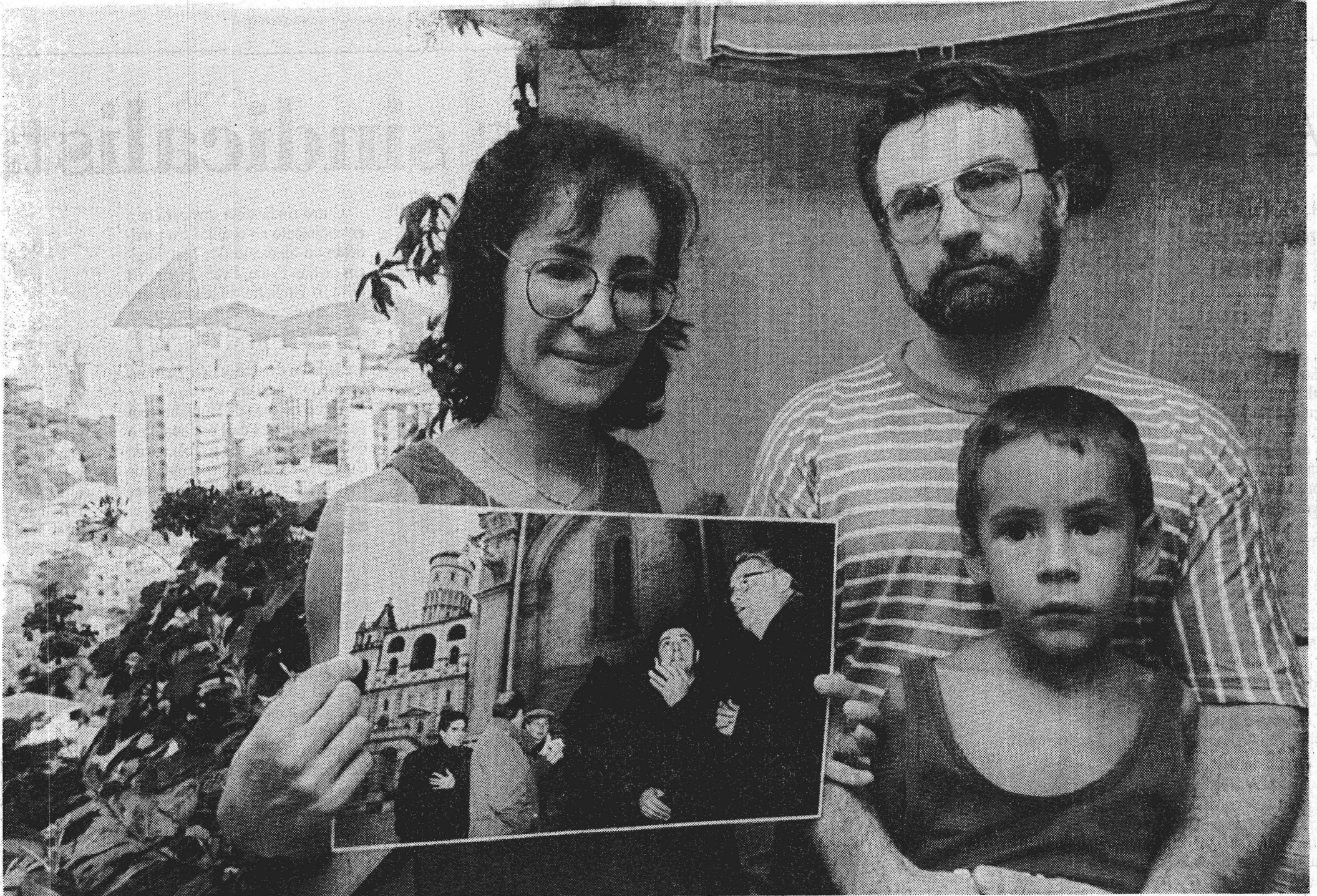


Fernando Rabelo



Marianna, Louri e o filho Lev, na sacada do apartamento de Laranjeiras, com a foto que mostra o primo Sergei com Fernando Henrique, no Kremlin, em 94: ajuda do parente ilustre

A prima que veio do frio

■ Marianna, parente russa do presidente, está no Rio para se proteger da máfia de Moscou

MARCEU VIEIRA

Da sacada do apartamento simples, no alto da Rua Pereira da Silva, em Laranjeiras, de onde se vê o Pão de Açúcar e um pedaço generoso da Mata Atlântica do Rio, a cientista russa Marianna Gorelova, 35 anos, assiste ao entardecer enquanto vai contando como é, para alguém que veio do frio, suportar estes dias de fofalha carioca. "Só em duas situações os russos conseguem conviver bem com o clima daqui: nos primeiros dez minutos depois de um banho frio ou dentro da geladeira. Como morar dentro da geladeira não é muito confortável, a gente vive tomando banho frio", ela faz piada no português incipiente de quem chegou há apenas quatro meses, fugindo dos problemas de Moscou, com a ajuda de um parente ilustre: o presidente Fernando Henrique Cardoso, filho de Nayde, primária-irmã do líder comunista Otávio Brandão, que na Rússia, onde se exilou de 1931 a 1946, teve com a primeira mulher, Laura, a filha Valna, mãe de Marianna.

Na verdade, o calor é um troféu para Marianna. A prima russa do presidente deixou Moscou para se proteger da máfia de imóveis que assusta a cidade desde a distensão do regime comunista. Com a abertura política, os apartamentos que antes eram propriedade do estado foram doados a seus ocupantes. Mas, como não houve papel passado na transferência, a tal máfia começou a invadi-los, às vezes a bala, explusando os moradores para depois vender os imóveis. Ajudada pelos parentes do Brasil — um deles o presidente, que apressou a liberação dos vistos —, Marianna conseguiu uma bolsa de pesquisadora no Instituto de Macromoléculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e alugou o apartamento de Moscou a um amigo. Em setembro, desembarcou no Rio com o marido Louri, cientista de 37 anos, que também conseguiu uma bolsa de pesquisador no Instituto de Física da UFRJ; os filhos Mariza, de 12, e Lev, de 5; e a sogra Nadejda, de 57. No Brasil, Marianna já se encontrou com o primo. "Nos vimos em Petrópolis", conta. "Ele foi muito gentil".

Pele morena, herança dos avós brasileiros, a prima que veio do frio soube da existência do parente ilustre em 1982. Naquele ano, Fernando Henrique, então senador, visitou a ex-União Soviética e procurou a parentada distante. "Ele se apresentou à minha mãe, dizendo que eram primos", recorda Marianna. "Fernando Henrique, fisicamente, é muito parecido com meu vovô", descreve o presidente, referindo-se a Otávio Brandão da maneira carinhosa como aprendeu a chamá-lo, quando criança. Brandão morreu no Brasil em 1980, 14 anos antes de ver o filho da prima Nayde eleito presidente com o apoio dos liberais que, no PCB, tanto combateu. "Prefiro a Rússia de hoje", Marianna faz a sua opção. "A geração de minha mãe preferia o regime comunista. A minha, não." Sobre o desempenho do governo do primo, com sua metade neoliberal, ela prefere não

O ramo russo da família presidencial



opinar. "Só vi quatro meses. É pouco. Respondo depois."

Estes quatro meses ainda não foram suficientes para uma análise do governo do parente, mas já serviram para Marianna descobrir na memória um amor atávico pelo Rio. Esteve aqui a passeio, anos atrás, mas o contato de agora com a cidade reacendeu raízes. "Desde pequena, eu ouvia vovô dizer que o Rio é a cidade mais linda do mundo. E é mesmo", Marianna dizia na quinta-feira, durante um passeio com a família pelo Aterro do Flamengo.

Morar aqui era um plano acalentado há tempos. "O sonho de vir para o Brasil me acompanhou toda a vida", diz. "Quando era criança, as canções em casa eram brasileiras. Minha avó nos ensinava cantigas de roda e marchinhas de carnaval." A música não foi a única influência. Até os 3 anos, Marianna só ouvia a avó, Laura, falando em português. Era uma maneira de fixar na menina a origem ameaçada pelo exílio imposto pela caça aos comunistas depois da Revolução de 30. "Só fui aprender russo quando me alfabetizei." Caminho inverso será percorrido agora pelo pequeno Lev. Marianna e Louri já procuram uma escola para o menino, que por enquanto só entende russo.

Foi perseguindo estas raízes que Fernando Henrique voltou a Moscou, no final de 1994, já presidente eleito. Com a ajuda do embaixador Sebastião do Rego Barros, secretário-geral do Itamarati que na época servia na Rússia, localizou o arqueólogo Sergei, filho da prima Satva, filha de Otávio Brandão e tia de Marianna. Sergei foi o cicerone de sua visita às catedrais do Kremlin. O passeio pela Praça Vermelha, em 1994, foi lembrado por Fernando Henrique, na semana passada, num intervalo de sua maratona de amenidades em Petrópolis. Depois de um dos jantares em que foi homenageado, o presidente voltou a falar dos parentes russos e contou que Marianna está no Brasil, para se proteger da máfia moscovita de imóveis.

Marianna ameniza as ameaças da tal máfia. Diz que não chegou a ser molestada. "Eu lia nos jornais, mas não cheguei a ser incomodada." Os relatos não coincidem. Filho do segundo casamento de Lúcia Prestes, que também foi casada com Otávio Brandão, o físico Roberto Nicolski, de 57 anos, conta que o perigo foi determinante na vinda. "As pessoas estavam colocando portas de aço nos apartamentos", diz Roberto, que nasceu na Rússia, vive aqui desde os 8 anos e é cidadão brasileiro. Tio emprestado de Marianna, por conta da ligação remota com o "vovô Otávio", Roberto é uma espécie de primeira instância na rede de amparo à família da prima que veio do frio. É quem os socorre no idioma, por exemplo, e os apresenta a um Brasil que vão conhecendo aos poucos. "A bolsa termina em julho de 1997. Até lá, vamos decidir se ficamos", Marianna antecipa o duelo de suas duas metades — a brasileira e a do frio.



O encontro com o primo presidente, em Petrópolis, registrado pelo marido de Marianna, na semana passada: "Ele foi gentil"